



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

PAULA RAFAELA MOREIRA PONTE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ESTUDO DE CASO SOBRE OS
OLHARES DE DUAS DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE CUIABÁ**

Cuiabá – MT

2018

PAULA RAFAELA MOREIRA PONTE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ESTUDO DE CASO SOBRE OS
OLHARES DE DUAS DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE CUIABÁ**

Dossiê apresentado ao curso de Licenciatura em
Pedagogia do Instituto de Educação, da
Universidade Federal de Mato Grosso, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciado
de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rubia Helena Coelho
Naspolini Yatsugafu.

Cuiabá – MT

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

PAULA RAFAELA MOREIRA PONTE

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ESTUDO DE CASO SOBRE OS OLHARES DE DUAS DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE CUIABÁ

Dossiê aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, Instituto de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rubia Helena Coelho Napolini Yatsugafu.
Departamento de Pedagogia - UFMT

Examinadora: Prof. Dra. Rose Cleia Ramos da Silva
Departamento de Ensino e Organização Escolar- UFMT

Resumo: Este texto tem como conteúdo um ensaio de uma reflexão teórica sobre os discursos e práticas de duas professoras da rede municipal de Cuiabá, percebendo como elas entendem e praticam a avaliação da aprendizagem escolar no âmbito de suas salas de aula. Faz parte deste ensaio uma reflexão teórica dos principais autores da temática de avaliação da aprendizagem.

Palavras-chaves: reflexão; professoras; avaliação da aprendizagem;

Resumen: Este texto tiene como contenido un ensayo de una reflexión teórica sobre los discursos y prácticas de dos profesoras de la red municipal de Cuiabá, percibiendo cómo ellas entienden y practican la evaluación del aprendizaje escolar en el ámbito de sus aulas. Es parte de este ensayo una reflexión teórica de los principales autores de la temática de evaluación del aprendizaje.

Palabras claves: reflexión; profesores; evaluación del aprendizaje;

Agradecimentos:

Primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e forças para superar as dificuldades.

A universidade, seu corpo docente e administrativo que me oportunizaram novos horizontes.

A minha orientadora professora Rúbia, pelo apoio, suporte em pouco tempo que lhe havia, pelas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, pelo incentivo que me deram durante esta jornada.

As minhas amigas Cristiane, Daniella, Iasmin e Ruth que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza, o meu muito obrigada!

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1 - Memorial	10
1.1 - Recordações de Infância	10
1.2 – Alfabetização	11
1.3 - Ensino Fundamental e Médio.....	13
1.4 - Vida Acadêmica.....	16
Capítulo 2 – Avaliação da aprendizagem escolar: a construção de práticas avaliativas que regulam as aprendizagens	19
2.1. A importância de avaliar.....	22
2.2. O professor avaliador	23
2.3. Avaliação nos ciclos iniciais.	24
Capítulo 3 – Breve análise de práticas avaliativas de docentes da rede municipal de Cuiabá.	27
3.1. Dados acadêmicos professoras	27
3.3. Dados relacionados ao ensino.....	28
3.3. Considerações sobre a avaliação.....	28
Conclusão.....	34
Referências.....	36
Apêndice A – Entrevista	37

Introdução

O curso de Licenciatura em Pedagogia, tem por objetivo formar o profissional que irá atuar, principalmente, na educação básica de series iniciais. Com isso o aluno deverá cursar no mínimo quatro anos, dentro desse tempo estuda disciplinais modulares/anuais. Ao chegar o momento de finalização deste curso, propõem-se à realização de um Dossiê. De acordo com o Projeto Político de Curso da Pedagogia 2007, o trabalho

Trata-se de atividade pedagógica de Conclusão de Curso importante para a formação do pedagogo. Funciona como valioso instrumento de produção de conhecimento e desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, possibilitando perspectivas acadêmicas e profissionais. Enfoca os fundamentos teóricos sobre narrativas. Produção de dossiê. Elaboração de um memorial do percurso educacional do licenciando. Assegura a continuidade das atividades da disciplina, com aprofundamento de temáticas relacionadas com a educação e suas interfaces e com áreas afins, concretizando com a produção de um documento escrito. (PROJETO POLITICO DE CURSO DE PEDAGOGIA, 2007)

Assim, com o intuito de produzir conhecimentos e desenvolver minha capacidade crítica e reflexiva, produzo o Dossiê que está em mãos do leitor. Começo avaliando o meu percurso como aluna, trazendo o meu trajeto educacional e os pontos mais marcantes nele, em seguida trago as contribuições da disciplina que para mim foi a disciplina mais impactante na academia, e finalmente vou a campo, analiso as falas das professoras da rede municipal a luz do referencial teórico estudado.

O meu percurso educacional foi centrado em uma pedagogia tradicional, voltada para a classificação, mediante a pratica de um tipo específico de avaliação. Até então, pelas minhas experiências, somente sabia criticar a avaliação, sem conhecê-la. Na graduação, durante a disciplina de *Avaliação Institucional E Dos Processos Educacionais*, reconheci outras formas de avaliação e percebi que avaliação não é apenas prova, números e sim participação no processo de aprendizagem.

Dessa maneira, problematizo o olhar docente em relação à avaliação, como ele percebe, quais teorias ele ainda utiliza, se consegue através da avaliação levar seu aluno ao sucesso na aprendizagem. Assim, realizo uma pesquisa de estudo de caso com professoras de uma escola da rede municipal de Cuiabá e, partindo de suas respostas, ensaio uma reflexão teórica sobre seus discursos e práticas, com o objetivo de perceber como elas entendem e praticam a avaliação no âmbito de suas salas de aula.

Organizo este Dossiê em 3 capítulos. No primeiro capítulo, faço um memorial da minha formação educacional, revisitando criticamente desde experiências vividas na educação infantil até a graduação. No segundo capítulo, por sua vez, realizo um apanhado teórico dos principais autores do campo da avaliação da aprendizagem escolar e seus principais estudos. Finalmente, no terceiro capítulo, trabalho com a fala das professoras entrevistadas, fazendo um entrelaçamento destas com as teorias da avaliação da aprendizagem escolar.

Capítulo 1 - Memorial

1.1 - Recordações de Infância

Meu nome é Paula Rafaela Moreira Ponte, filha de comerciantes, pai e mãe com apenas o 1º grau completo. Nasci no Hospital Geral de Cuiabá no dia 08 de janeiro de 1995. Era um dia muito chuvoso e meu pai não estava na cidade de Cuiabá, pois estava no interior, e a chuva era tão forte que houve enchente que derrubou a ponte que ligava Cuiabá à cidade de Várzea Grande. Logo após meu nascimento, meus pais decidiram se mudar por motivos alheios, mas, após dois anos, estávamos em Cuiabá novamente, onde começaríamos uma nova mudança em nossa família.

Meu pai que já havia sido casado, tinha um filho. Quando estávamos em Cuiabá, esse meu irmão mais velho morou por um longo tempo conosco. Aos 16 anos, ele ingressou na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS e foi morar em Campo Grande - MS.

Morávamos no bairro Santa Isabel, em uma casa enorme. Meu pai tinha um comércio no bairro Cidade Alta, porém estava sendo muito perigoso trabalhar com o comércio, por causa de vários assaltos na região, então começou a trabalhar como “feirante” na antiga feira do Verdão, que ficava mais próxima ao bairro em que morávamos. Por causa do medo dos perigos da rua, meus pais não me permitiam muito o contato com nossos vizinhos, por isso pude brincar poucas vezes com as crianças da rua em que morávamos.

Um dos melhores momentos da minha infância era o período das férias escolares, afinal, mesmo gostando de ir à escola, eu adorava viajar. Fomos muitas vezes à casa da minha família por parte do meu pai, que mora no norte do estado de Mato Grosso. As férias lá eram boas, pois na época, meus primos tinham a mesma idade que eu. Aproveitávamos muito. Eu adorava ir ao sítio dos meus padrinhos, que também são meus tios por parte de pai. Lá, adorava brincar de

esconderijos e castelos de areia. Ficávamos brincando por horas. Íamos pegar mexerica direto no pé, andávamos com meu padrinho em cima do trator, era uma grande diversão. Brincávamos de escolinha e eu sempre queria ser a professora.

O curioso é que eu também adorava a volta as aulas, pois eu podia contar a todos os meus colegas tudo que havia feito nas férias.

1.2 – Alfabetização

Em 1999, aos 4 anos, meus pais me matricularam em uma escola de 1º grau, Escola RAS Oliveira, era uma escola particular dentro do bairro em que morávamos. Nessa escola continuei, passando pela Classe de Alfabetização (CA) e pelo ensino fundamental do 1º ao 4º ano. Durante o período que estudei nessa escola em cada ano tínhamos uma nova professora, porém uma das professoras que mais marcou essa fase escolar foi a professora Eides esteve em vários momentos sendo minha educadora no Jardim II, no 1º ano e no 4º ano. Quando concluí o 4º ano mudei de escola pois na época essa escola só tinha capacidade para atender uma pequena quantidade de alunos. Era uma escola pequena, porém tinham um ótimo cuidado comigo. Sentia-me muito bem indo para lá e aprendia muitas coisas. Acredito que o cuidado especial, a dedicação à educação que as educadoras tinham acabou me fazendo ter vontade de ser professora também, igual às que eu tive naquela época.

Ao chegar na escola, antes de entrar na sala de aula, fazíamos fila para cantar o Hino Nacional e rezar o Pai Nosso, todos os dias. O que eu mais gostava, além das aulas, eram as épocas festivas, pois haviam festas e brincadeiras que só ali na escola poderia participar. Gostava mais da festa junina, pois podia estar com meus colegas e minha família em um momento de lazer.

As matérias que mais gostava eram Matemática e Ciências. Elas eram, e ainda são minhas disciplinas preferidas, as quais tinha e tenho mais facilidade para aprender. Os brinquedos matemáticos e os bonecos de anatomia me chamavam muito mais atenção do que os livros. Adorava aprender cálculos e conhecer o corpo humano.

Nessa época, não percebia que tinha dificuldades para a compreensão de leitura pois me lembro pouco desses momentos dos estudos de Português. Muitas vezes eu fazia as tarefas com ajuda da minha mãe, o que facilitava a minha aprendizagem, mas lembro que a professora sempre nos levava à biblioteca da escola e eu dava preferência a livros com histórias curtas e gostava mais das ilustrações do que propriamente das histórias.

Tenho poucas recordações das atividades avaliativas. Lembro-me que a professora fazia muitos ditados orais e pedia para resolver contas de matemática no quadro. Não me recordo se haviam provas.

Gostava também das aulas de campo que tínhamos fora da escola. Fomos, por exemplo, à fábrica de refrigerantes Marajá (situada em Várzea Grande), visitamos o zoológico e aulas relacionadas com a matemática (valores), na feira do Porto e em supermercados de Cuiabá.

Em casa, minha mãe sempre me auxiliava a aprender coisas novas e usava meus materiais para me ajudar. Ela sempre comprava cadernos de caligrafia para que eu aprendesse a escrever meu nome e pudesse ter uma letra mais bonita.

Nesta época, minha mãe voltou a estudar com o objetivo de concluir os estudos. Ingressou no curso Supletivo, que consistia em realizar os três anos do ensino médio em 18 meses. Hoje este curso é conhecido como EJA. Anteriormente ela tinha estudado somente até a 8ª série porque morava em um sítio em uma cidade do interior e, ao vir para Cuiabá, teve que trabalhar e logo se casou. Eu adorava quando ia junto com ela para o curso, pois ficava sempre desenhando.

1.3 - Ensino Fundamental e Médio

Em 2005, comecei a cursar a 5ª série do ensino fundamental no Colégio Notre Dame de Lourdes, uma escola maior do que a Escola RAS de Oliveira, que também era particular. Foi uma grande mudança para mim na época, pois tive que fazer novos colegas e conhecer novas professoras e professores. A novidade é que não tínhamos apenas um professor por ano, mas sim vários. Cada professor era responsável por uma disciplina, o que me fez até ter medo pois ficava pensando nas provas.

Quando começaram as aulas de Português, fiquei apavorada, afinal eram coisas novas, leituras de livros didáticos literários, não havia mais o ditado, atividades orais e não mais as atividades que eu estava acostumada. Os professores ensinavam coisas que minha mãe nem sempre podia me ajudar a estudar. Sempre tentava me esforçar, mas comecei a ter dificuldades em português. Não conseguia me concentrar na leitura para compreender os conteúdos. Nas notas, por muitas vezes, tirava apenas a média. E isso não era fácil, pois meus pais sempre me cobravam, queriam que eu estudasse mais e tirasse notas melhores. A ideia de prova me assustava muito mais ainda que nos anos anteriores, pois eu tentava memorizar o conteúdo e não conseguia. Passaram-se assim dois anos. Fiz a 5ª e 6ª série nessa escola.

Em 2007, meus pais resolveram que nos mudaríamos para outra cidade. Fomos morar em Campo Grande – MS, onde meu irmão mais velho concluía a faculdade de Odontologia. Lá, cursei a 7ª série em duas escolas diferentes, porém na disciplina de Português continuava com dificuldades para aprender as regras da matéria e permanecia uma aluna mediana. Meus pais tinham pouco tempo para me ajudar a estudar.

O que mais me agradava era poder ir para casa do meu avô e esquecer da escola, pois ele não ficava fazendo perguntas sobre como eu ia nas aulas. Nós apenas nos divertíamos. Ele

sempre era carinhoso comigo. Foi uma das pessoas mais importantes da minha formação de vida.

Uma pena que em 2008 resolvemos voltar a morar em Cuiabá, o que me deixou muito triste, pois sentia muita falta de conviver com meu avô. A mudança me trouxe novamente para a mesma escola da qual tinha saído para ir para Campo Grande: o Colégio Notre Dame de Lourdes.

Nesse ano que voltei, comecei a fazer o 8º ano, era um dos momentos mais importantes afinal se eu conseguisse concluir iria sair do ensino fundamental e ir para o ensino médio e eu também tinha uma preocupação com minhas notas nas provas que seriam decisivas para não perder a meia bolsa que tinha para estudar ali. Isso me deixava apreensiva, por que a dificuldade na leitura me fazia ir mal nas disciplinas de Português, História, Geografia e Filosofia, enquanto em Matemática e Ciências ia muito bem, sem dificuldades.

Em Matemática e Ciências, ajudava os poucos colegas que conheci e nas outras matérias precisava de ajuda. Sempre em época de provas era um momento apreensivo. Um dia antes de cada prova eu ficava escrevendo resumos para poder ir bem. Tinha, ainda, dificuldades para compreender as questões da prova, pois elas eram construídas a partir de modelos de vestibular, com a intenção de nos preparar para irmos bem nestes testes.

Durante o meu ensino médio, de 2009 a 2011, as dificuldades permaneceram e pode-se dizer até que aumentaram. Para melhorar nosso desempenho no vestibular, a escola contratou uma professora para ensinar gramática aos alunos, um professor para ensinar as técnicas de redação e um para a matéria de Português mais voltado para interpretação de textos e literatura. Entretanto, eu não conseguia assimilar os conteúdos separadamente. Quando vinham as provas, ficava mais difícil fazer as de Português pois os conteúdos de gramática, interpretação de texto, literatura apareciam na mesma questão, porém não conseguia analisar quais eram os conteúdos

acabava-me por confundir o que aprendi e percebia que o que não conseguia era compreender as leituras.

Além das provas discursivas e objetivas, tínhamos os simulados mensais para ajudar nas notas. Eu estudava um dia antes para poder memorizar e fazer o simulado no dia seguinte, assim, acabava que eu conseguia tirar a nota que, na somatória, aumentava a nota do bimestre deixando a dentro da média. Sempre procurava tirar a média para não reprovar. Lembro que a maneira que os professores avaliavam os alunos era através das provas.

Nesse percurso do ensino médio, houveram muitos fatores que me tiraram o foco dos estudos. Em 2009, minha mãe teve outro filho. Eu, com 15 anos, sempre que estava em casa precisava ficar com meu irmãozinho e ajudar a cuidar dele. Por isso não conseguia estudar durante o dia e tinha que usar a noite para estudar nos períodos de prova. Em 2010, meu avô faleceu, um momento de muita tristeza em minha vida. Eu não conseguia mais me dedicar aos estudos e continuei apenas me esforçando o suficiente para alcançar as médias.

Em 2011, comecei a perceber que tinha muitas dificuldades para compreensão, então comecei a estudar também no período da tarde. De manhã fazia todas as matérias do ano e à tarde sempre estava nos grupos de estudos orientados pelos alunos que os professores diziam ser os melhores da turma, por terem notas altas. Minha dificuldade na leitura, todavia, ainda permanecia, mas consegui concluir o ensino médio.

Ao final do ano, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e, junto comigo, meu pai também fez. Ele aproveitou o ENEM para concluir o ensino médio e pegar o diploma. Em 2012 começou a fazer o curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Eu, por minha vez, tive dificuldade em saber qual curso escolher para fazer a graduação e, por isso, acabei por tentar fazer o curso de Veterinária, porém não consegui. Comecei, então, a fazer cursinho pré-vestibular. No ano seguinte fiz novamente o Enem. Todavia, a indecisão de que curso fazer me deixou novamente fora do Ensino Superior.

Em 2013 comecei a trabalhar e no local haviam muitos brinquedos pedagógicos que eu não conhecia. Eu comprava alguns deles para o meu irmão, sempre o incentivando a aprender a ler, reconhecer as letras do seu nome e a ir à escola. Mesmo trabalhando, continuei estudando por conta própria com o material que tinha do meu ensino médio e do cursinho que tinha feito. Foi observando como eu lida com meu irmão que as pessoas me disseram que eu tinha jeito de professora. Naquele momento, fiquei descontente, pois pensava em escolher uma profissão que ganhasse um ótimo salário.

1.4 - Vida Acadêmica

Em 2014, novamente realizei o Enem. Dessa vez resolvi entrar no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Em 2015, ao começar o curso, não sabia o que esperar dele. Achava que iria aprender a prática do professor e logo percebi que antes da prática havia muita teoria a se aprender.

No início do curso percebi que seria muita teoria e isso dificultava a minha adaptação ao curso. Percebia minha dificuldade em compreender as leituras, algo que eu já vivenciava desde a educação básica. Os textos lidos durante a graduação são de cunho acadêmico, o que requer uma boa leitura, o que para mim naquele momento, era algo muito difícil.

Como eu queria estar presente na vida escolar do meu irmão, conhecer os conteúdos, aprender como ensinar, ver a evolução dele na aprendizagem, decidi permanecer no curso, sempre procurando estratégias para conseguir ir em frente. Entretanto, ficava com medo de como seriam as formas de avaliações dos professores. Sempre me preocupava com as provas, pois cada um trabalhava de uma maneira.

Durante o curso descobri que existem várias áreas de atuação do pedagogo, porém a que tive mais possibilidades de conhecer foi a prática pedagógica em sala de aula. Participei do

Programa de Iniciação Bolsa de Incentivo à Docência – PIBID e, com orientações dos professores das escolas e da universidade, pude relacionar teorias e práticas, criando projetos e trabalha-os nas escolas em que fiquei. Esses trabalhos da prática possibilitaram que eu melhorasse no decorrer do curso, pois fui para escolas da rede pública, onde participei atuando com turmas de 1º ano e de 3º ano do ensino fundamental, sendo no 1º ano com alfabetização através da cultura afro-brasileira, no 3º ano com letramento matemático.

Logo depois das experiências do PIBID, comecei a querer conhecer mais sobre a alfabetização do meu irmão mais novo, acompanhando-o nas tarefas de casa, principalmente. A professora dele o considerava o melhor aluno da sala, um exemplo da turma. Eu, todavia, sentia uma defasagem no ensino dele.

Percebi que as tarefas dele não vinham para complementar/reforçar o conteúdo aplicado em sala de aula, afinal meu irmão afirmava que a professora não havia explicado aquilo em sala de aula. Isso me preocupava, pois a professora sequer corrigia a tarefa. Para agravar a situação, ele teve a mesma professora durante a 1ª, a 2ª e a 3ª série.

Durante o decorrer do curso sempre me perguntei sobre as práticas dos professores principalmente em relação à avaliação da aprendizagem dos alunos, especialmente por ter um irmão que está nas séries iniciais. Sempre me pergunto se o que ele aprende está de acordo com o que deveria e como são as formas de avaliação que a professora usa em sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem.

Com a disciplina Avaliação da Aprendizagem, Institucional e dos Processos Educativos, consegui compreender melhor sobre a prática das formas de avaliação: classificatória, como uma forma de punição ao aluno, classificação/distinção entre eles, prejudicial aos que tem menos condições de estudo e a formativa, não sendo apenas provas, mais observar, repensar, reformular todo o processo de formação da aprendizagem.

Com essa disciplina conheci os instrumentos avaliativos, compreendi que avaliar não é somente a “prova”, não é apenas dar nota. Durante minha escolarização sempre me preocupava com as notas que apareciam no boletim escolar e durante a escolarização do meu irmão o boletim dele é sem notas, traz apenas “nível de desempenho dos alunos por área de conhecimento/disciplina”.

Capítulo 2 – Avaliação da aprendizagem escolar: a construção de práticas avaliativas que regulam as aprendizagens

Ao se falar de avaliação da aprendizagem escolar devemos primeiramente pensar o que é avaliar? O que significa avaliar? Se procuramos do dicionário a palavra avaliar encontramos as seguintes significações,

Avaliar, VTD. 1. Determinar o valor ou o preço de, com certa base. 2. Apreciar o mérito de. 3. Proceder à correção ou avaliação de. 4. Calcular; fazer ideia de. 5. Estimar; calcular. (Minidicionário SACCONI da Língua Portuguesa, p. 83)

Nesse sentido Luckesi retoma esse significado convencional de avaliação e identifica que “avaliação é julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 1978 apud LUCKESI, 1999, p. 33).

Precisamos, então, questionar sobre a avaliação da aprendizagem escolar, ou seja, de que forma avaliamos a aprendizagem de um aluno diante o que ele aprende e vivência na escola? Qual o processo que realizamos e por que fazemos?

Analisando fatos da história da educação, podemos verificar práticas avaliativas como em 1599 com a publicação do Ratio Studiorum com os jesuítas. Esse documento formalizava as práticas pedagógicas e a inclusão de um exame no final do ano letivo. Após o século XVIII, a avaliação tem uma nova estruturação após o surgimento das escolas modernas. No Brasil os estudos da avaliação educacional ganharam força a partir dos anos 60, no qual tenta-se romper o aspecto quantitativo dos exames, que visavam apenas classificar os alunos. A partir da década de 80 o aspecto qualitativo e as preocupações na aprendizagem começam a dar um novo rumo à avaliação.

Paro (2001), afirma que a avaliação não é realizada exclusivamente na educação, mas é uma prática que existe desde que o homem é homem.

[...] quer nos atos humanos do cotidiano, quer nos empreendimentos produtivos dos mais variados tipos, são criados mecanismos automáticos de correção de rumos no próprio processo de realização da atividade. Na simples tarefa de uma pessoa

deslocar-se, caminhando, em direção a determinado ponto, por exemplo, está suposta a constante presença da avaliação durante todo o caminhar, que impede o desvio do rumo e garante o dirigir-se ao ponto desejado e não a outro. (PARO, 2001, p. 34)

Assim, a avaliação é algo inerente à vida humana costumamos ter ações e avalia-las de maneira formal ou informal ao longo de nossa existência. Se na vida humana, se no nosso dia a dia a gente avalia as nossas ações enquanto elas acontecem por que na educação isso seria diferente?

Luckesi (1999) defende que a avaliação precisa conscientemente está presente a todo momento pedagógico e não ao final. Ele também critica a forma de avaliação ao final do processo, como as práticas da educação tem colocado a avaliação como se não fizesse parte de todo o processo colocando-a como neutra apenas ao final para verificar o andamento das aprendizagens.

Luckesi também analisa que a prática da avaliação da aprendizagem escolar precisa ter como um dos seus objetivos transformar a sociedade, ultrapassando o modelo conservador. Pensando em superar o autoritarismo e colocar o aluno como principal sujeito do processo de aprendizagem escolar, sem distinção de origem de classe social, Luckesi defende uma mudança radical da prática avaliativa que precisa deixar de ser um instrumento disciplinador e passa a contribuir para mudança do modelo autoritário e colaborar para o avanço e crescimento da sociedade. Dessa forma, propõe pensar em práticas avaliativas que devem ocorrer de acordo com as necessidades de aprendizagem dos alunos, objetivando promover seus avanços, desligando-se, assim, de um modelo no qual o professor tem o prazer de utilizar da avaliação como momento de seu prazer em castigar aquele aluno que não realizou alguma tarefa ou não participou das aulas conforme o professor esperava.

Quando escreveu o texto acima mencionado, Luckesi chamou essa proposta de avaliação por ele defendida como avaliação diagnóstica. Nos anos que se seguiram ao texto que ele produziu essa avaliação que ele chamou diagnóstica passou a ser chamada de formativa.

Em relação a avaliação formativa Perrenoud (1999) diz que

É formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo. [...] a avaliação formativa ajuda o aluno a aprender, porque mediações ela retroage sobre os processos de aprendizagem. (PERRENOUD, 1999, p. 103 e 104)

Assim na avaliação formativa a regulação das aprendizagens é feita a partir da observação, intervenção e representação. O educador(a) precisa constantemente observar o aluno durante o processo, verificando, percebendo, compreendendo como a aprendizagem do aluno se realiza e procurando elementos que contribuam para sua intervenção com vistas a melhoria das condições de aprendizagem dos alunos, sempre que necessário.

Villas Boas (2017), por sua vez, conceitua a avaliação formativa da seguinte maneira:

Avaliação formativa é o processo pelo qual são analisadas continuamente todas as atividades em desenvolvimento e as desenvolvidas pelos estudantes, para que eles e os professores identifiquem o que já foi aprendido e o que falta ser aprendido, a fim de que se providenciem os meios para que todos avancem sem interrupções e sem percalços. (VILLAS BOAS, 2017, p. 157)

Assim, a autora concorda com a perspectiva defendida por Perrenoud, segundo a qual a prática da avaliação deve estar articulada e ocorrer em todo processo de ensino aprendizagem e não apenas ao final dele. Cabe a ela não apenas tomar momentos fragmentados da prática mais sim incorporar e analisar todos os aspectos envolvidos no decorrer das aprendizagens.

Jussara Hoffmann ao defender a avaliação mediadora que também é compreendida como uma expressão da avaliação formativa, toma do conceito de mediação já conhecida desde Piaget, ela traz sobre a compreensão “inclui o movimento que se estabelece de tomadas de consciência elementares, em direção a conceituações superiores” (p. 60) através disso no qual a mediação torna-se um momento de desafio, problematização e o desequilíbrio que é proporcionado pelo professor diante de seus alunos

A partir disso Hoffmann defende que a subjetividade não é algo a ser evitado pelo avaliador mais sim a ser utilizado por ele pois é a partir da compreensão que ele tem dos alunos,

das aprendizagens, dos processos que os alunos estão construindo que ele tem elemento para intervir nessas aprendizagens enquanto elas ocorrem e não depois.

Portanto, consideramos que a avaliação da aprendizagem ganha um novo caráter, novas ações e reflexões. Ela passa a envolver como um todo as relações professor-aluno em um aspecto humanizador. Os professores precisam conhecer seus alunos, ouvi-los, envolvê-los nas aulas. A avaliação se transforma sendo formativa, inclusiva, dinâmica e acolhedora. Com isso, a aprendizagem pode se tornar mais prazerosa ao aluno e o professor tem mais elementos para compreender o que os alunos aprenderam, como aprenderam e perceber aquilo que não foi aprendido e a partir do conhecimento do processo ele intervir naquilo que é preciso.

2.1. A importância de avaliar

Ao se falar da importância de avaliar devemos nos perguntar, por que avaliar?

De acordo com a lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), em seu Art. 24, inciso V, ao se referir a verificação do rendimento escolar chama atenção para os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

O primeiro item, fala de uma avaliação continua trazendo para a educação o afastamento do aspecto tradicional, que seria deixar a avaliação apenas ao final prevalecendo a característica quantitativa. Sendo então um fato muito importante para a educação que eleva o aluno a um ser participativo dentro do âmbito escolar.

Cabe destacar que além disso a legislação possibilita,

- b) possibilidade de aceleração de estudos para com atraso escolar;

- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos. (LDB, 1996, Art. 24, inciso V)

Isto dá a avaliação escolar novas possibilidades especialmente quando pensamos em avaliação formativa, pois a partir dela podemos tratar dos alunos e atendê-los em função dos seus níveis de desenvolvimento e aprendizagem.

Percebemos nos estudos teóricos que a avaliação se torna uma ação de reflexão no qual o professor desempenha o papel do mediador, e, portanto, ele precisa se perceber e perceber a sua atuação no processo de aprendizagem de cada aluno. Cabe a ele não avaliar apenas o rendimento do aluno, mas verificar o porquê dos erros, dos equívocos, analisar as influências, as estratégias e os caminhos percorridos por cada aluno, oportunizar e intervir nas aprendizagens.

Com isso a avaliação é a construção de conhecimento no dia a dia do aluno e do professor, sendo formativa no decorrer do processo educacional, sempre possibilitando um elo entre os conteúdos, que muitas vezes os alunos não conhecem em sua realidade, com as vivências do aluno, desse modo poder envolver esses conteúdos com a realidade do aluno proporcionará um avanço em seu desenvolvimento das aprendizagens.

2.2. O professor avaliador

Avaliar para o professor, não é uma tarefa fácil e simples de se realizar, afinal apenas ele que está ali convivendo com seus alunos, para conseguir avaliá-los. Vemos isso em Esteban (2003),

Repetidas vezes, no cotidiano escolar, avaliar diz respeito a uma tarefa solitária, de responsabilidade exclusiva da professora que propõe os instrumentos a serem usados, elabora-os, aplica-os e analisa-os, acompanhada de pressão constante decorrente das repercussões do resultado da avaliação na vida do aluno ou da aluna. (ESTEBAN, 2003, p. 2)

Assim, vemos que o professor, ao realizar seu papel de avaliador, tem muitos elementos a considerar, vários casos a se analisar, faz suas anotações diárias, prepara atividades de registros, realiza provas, para que ao final consiga perceber quais potencialidades que cada aluno conseguiu ou não, tanto individualmente e no coletivo, pois não se avalia apenas os conteúdos, mas o lado afetivo-social do aluno também.

Essas características que com o desenvolvimento da avaliação o professor deve realizar, porém ainda há professores que avaliam pela prova escrita segundo a forma tradicional, talvez para facilitar o processo de “dar nota” para vários alunos, tornando assim uma avaliação quantitativa, o que distancia o aluno, sendo dessa forma um ato mecânico que visa uma hierarquização dos alunos, voltando ao conservadorismo.

A avaliação que realiza torna-se um instrumento que irá identificá-lo, ou seja, o “rendimento” do aluno determina o “rendimento” do professor em sala de aula. Desse modo o aluno torna-se apenas um objeto na relação dos sujeitos, sendo definido pelo rendimento.

Portanto o professor deve utilizar outras maneiras de avaliar, trazendo para seu cotidiano o informal, com o intuito de não classificar os alunos. Esse é o ponto que deve se modificar, realizando uma avaliação digna para que todos os alunos possam avançar e ter sucesso nas aprendizagens.

2.3. Avaliação nos ciclos iniciais.

Nos ciclos de formação, tem-se por objetivo tirar o caráter classificatório e inserir concretamente a prática formativa essencial ao desenvolvimento de cada aluno. Nos ciclos se

propõem uma estrutura que visa o aluno, respeitando as diversas formas de aprendizagens em cada tempo. Torna o papel da escola ser um lugar de produção de aprendizagem em conjunto com o desenvolvimento humanizador para com cada aluno sem classificação e com isso a avaliação torna-se formativa em vários aspectos.

A proposta dos ciclos propõe superação da avaliação tradicionalista que apenas classificar um aluno a partir de provas. Pedagogicamente a avaliação se foca no processo pelo qual cada aluno se desenvolve.

Segundo Paro (2001), os ciclos são “uma forma de organizar didaticamente o ensino mais elástica do que a seriação e que, inclusive, pode ser pensada com maior ou menor presença de aprovação automática” (p. 53). Analisamos que nos ciclos devem ser organizados as estruturas de ensino de forma a promover aprendizagens necessárias aos alunos fora da seriação, pois segundo ele a partir da seriação existe a repetência e é preciso romper com ela para ter se a preocupação de fato de ensinar a todos os alunos. A existência da reprovação escolar historicamente desobrigou a instituição a se responsabilizar por aquelas crianças e aqueles jovens que “não aprendiam” com os ciclos e com uma nova organização do tempo e espaço escolar, defende-se que cabe a escola assumir o seu papel e sua função de ensinar a todos criando novas oportunidades, novos tempos e novos espaços para tanto.

Freitas (2003) também trata da nova organização curricular dentro do ciclo para garantir o avanço nas aprendizagens dos alunos. Para ele o sucesso da escola parte de quatro fundamentos: “a eliminação de mecanismos que institucionalizam a exclusão; a criação de mecanismos institucionais de inclusão; a formação permanente dos educadores; e a gestão democrática da escola.” (p.69, 2003)

Analisando cada fundamento, podemos ter as seguintes percepções: para que consiga eliminar a exclusão devemos sair do aspecto da seriação e seguir um ponto onde as

aprendizagens se entrelaçam não apenas em determinada serie. Além disso é também preciso eliminar a reprovação, que é determinada pelo aspecto quantitativo através da avaliação classificatória. Tendo em vista a inclusão, que diz respeito a aprendizagem de todos os alunos os conteúdos mínimos necessários para sua formação, é preciso que as escolas desenvolvam a prática de avaliação efetivamente formativa. Os professores precisam de um conhecimento mais aprofundado a respeito das formas pelas quais eles podem avaliar seus alunos e utilizar não apenas de instrumentos formais mais também das práticas informais dentro da sala de aula que potencializam a ação do professor e sua intervenção nas aprendizagens enquanto elas ocorrem. Para que uma avaliação de fato formativa seja uma prática constante da escola é fundamental que ela seja parte de uma proposta pedagógica institucional e que, claro, a gestão na escola tenha um caráter democrático, no qual todos os membros educadores, pais, alunos, comunidade trabalhem juntos e contribuam para o processo de ensino-aprendizagem.

Capítulo 3 – Breve análise de práticas avaliativas de docentes da rede municipal de Cuiabá.

A proposta de pesquisa na área da avaliação surge a partir de dúvidas recorrentes durante a graduação. Dúvidas dos alunos que logo perto de formar e atuar no âmbito escolar cada vez aumenta. Assim, analisando alguns profissionais atuantes em unidades escolares, atualmente com uma visão de avaliação mediadora propondo a reflexão da avaliação na aprendizagem, com isso realizo uma pesquisa com professoras do 3º ano do primeiro ciclo, de como é essa reflexão procurando relacionar com paradigmas avaliativos e também procurar analisar qual as formas para o final do ciclo, quais os principais critérios para o ato da reprovação.

A pesquisa foi realizada com duas professoras de uma escola municipal de Cuiabá – MT, professoras do 3º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental I. A escola fica localizada na região oeste e que atende alunos de várias classes sociais. As professoras serão identificadas por professora A e B para que sua identidade pessoal seja protegida.

A pesquisa é feita através de entrevista que é dividida em: dados acadêmicos das professoras, dados relacionados ao ensino e considerações sobre avaliação. A entrevista foi gravada, realizada na unidade escolar no momento da Hora atividade que é nesse momento elas utilizam para realizar planejamentos, e organizar o material da turma.

3.1. Dados acadêmicos professoras

A professora “A”, relata que é professora a 7 anos, e trabalha na unidade escolar onde foi realizada a pesquisa já a 6 anos como professora. Sua formação é Licenciatura em Pedagogia e especialização em Docência no Ensino Superior.

A professora “B”, relata que é professora a 25 anos, e na unidade 22 anos. Sua formação é o Magistério, a Licenciatura em Letras e Pós-Graduação em A Multiplicidade Linguística em Mato Grosso.

3.3. Dados relacionados ao ensino

Durante a entrevista a professora “A” explica um pouco sobre sua metodologia. Relata que os conteúdos são definidos no começo do ano a partir do currículo da escola, elaboram o planejamento anual para definir os principais conteúdos a serem desenvolvidos ao decorrer do ano.

A professora “B” explica que os planos de aula estão de acordo com o planejamento semestral, que a partir dele se realiza o planejamento bimestral e por seguinte os planos semanais.

“O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações”. (PADILHA, 2001, p. 30).

3.3. Considerações sobre a avaliação

Ao decorrer da entrevista foco na temática da avaliação e ouvir o relato de cada professora ao que se diz respeito a avaliar, como veem, como fazem, quais os procedimentos em relação a avaliação que a escola determina.

Portanto a professora “A” considera que a avaliação tem um duplo sentido, ou seja, estudos que querem eliminar a avaliação e o que considera imprescindível o uso da avaliação,

com isso tenta equilibrar esses dois sentidos em sua prática. Relata que a avaliação evoluiu, pois explica que antes ao final do bimestre ou do ano letivo e avaliava se o aluno estava apto ou não, e agora pode se perceber para além das competências do aluno, não avaliar apenas os conteúdos que ele aprendeu mas a evolução do aluno como um todo, como um cidadão inserido na sociedade.

Analisa em sala de aula como é a evolução do aluno, se ele consegue socializar, segue a rotina. Entende que a avaliação não é só a aprendizagem de conteúdos, ou seja, a avaliação escrita, mais também os outros aspectos de uma criança como um ser global.

De acordo com Villas Boas (2001), após análise dos estudos de autores anteriores a ele pode se concluir que a avaliação formativa vem se desenvolvendo de forma para além da avaliação tradicional, mais sim emancipatória e onde todos os indivíduos estão envolvidos no processo da aprendizagem, segundo ele

“Admitindo-se que a escola realiza o trabalho pedagógico e não simplesmente processo ensino-aprendizagem, em que o professor ensina e o aluno aprende, torna-se fácil compreender a necessidade de ampliação do conceito de avaliação formativa, estendendo-a a todos os sujeitos envolvidos e a todas as dimensões do trabalho.” (Villas Boas, 2001, p. 6)

Em seguida, continuando a entrevista, questiono a sobre a importância da avaliação, e a mesma reflete que a avaliação no todo é importante para verificar aquele aluno que desenvolveu ou não, explica que precisa sim da avaliação escrita pois a uma cobrança dos pais, equipe gestora, precisa de dados para analisar porém ela explica não são se pauta apenas nesse tipo de avaliação mais também nas percepções que tem em sala de aula.

A necessidade de uma avaliação formal, ou seja, uma avaliação escrita, vem da concepção de que a escola é um espaço que transmite o saber e dessa forma é um método de

demonstrar qual o rendimento o aluno tem conseguido assimilar ao final de um período especificado pela própria unidade escolar, verificamos isso em Dalben (2006, p. 14) quando afirma que “A escola assim o faz, organizando-se conforme uma racionalidade específica, numa lógica de divisão e distribuição de tempos e espaços, articulados em uma determinada sequência que exige avaliações periódicas”.

A professora ainda explica que a avaliação escrita, realizada ao final do bimestre, é feita a partir dos conteúdos mais importantes estudados durante o bimestre e assim realiza uma atividade avaliativa. Após a prova se percebe um rendimento baixo retorna, explica, conversa. Percebe que os alunos antes tinham receio de realizar uma prova agora já é mais tranquilo. Quando começa novos conteúdos realiza um feedback com seus alunos, e conversa pede para tirarem suas dúvidas em sala, que não se deve ir embora com dúvidas.

Ao se falar do erro, e como desenvolve sua prática ao perceber o erro, verificamos que segue uma linha de ação mediadora, na qual proporciona formas para repensar junto com seus alunos uma análise dos erros, sem julga-los mais sim ajuda-los. Assim vemos segundo Hoffmann (2003, p. 89) que,

“A tentativa é no sentido de inverter a hierarquia tradicional onde o acerto é valorizado na escola e o erro punido em todas as circunstâncias e, ao mesmo tempo, de ultrapassar o significado da correção/retificação para o de interpretação da lógica possível do aluno diante da área de conhecimento em questão.”

A professora acredita que a prova escrita é um parâmetro para que possa avaliar o próprio trabalho desenvolvido em sala de aula, para se refletir como professora ver onde precisa melhorar. Se volta para o erro, pensa e analisa se a causa do erro pode ter sido a forma que passou aquele conteúdo para a turma.

Um pouco sobre o conselho de classe, a professora diz que é realizado a cada bimestre é feito uma reunião no qual falam de individualmente sobre cada aluno da classe e no caso do terceiro ano no final do ano será realizado uma nova reunião para poder saber como funciona sobre a reter algum aluno, ela explica que é a primeira vez que dá aula para a turma de 3º ano e não sabe como funciona os critérios sobre a repetência ao final do ciclo.

Para finalizar a entrevista peço para que fale sobre a avaliação da sua vida escolar, que relate para que possamos refletir quais efeitos podem influenciar em sua metodologia atual. Então a professora fala que na sua graduação poucos professores utilizaram de provas, cada um tinha sua própria metodologia muitos utilizavam de seminários, trabalhos. O que mais lembra é sobre o autor Luckesi que retoma sobre a avaliação da aprendizagem. Porém acredita que os métodos utilizados pelos professores não a influenciaram em sua maneira de avaliar.

Em entrevista com a professora “B”, a mesma explica que atualmente pode se definir que a avaliação é mais aberta, não sendo tão rígido, não tão preocupado com as notas e sim com a aprendizagem do todo. Acredita que a base familiar é um dos maiores influenciadores na aprendizagem de cada aluno.

Nesse momento podemos refletir um pouco sobre a participação efetiva dos pais/responsáveis, para além dos eventos e reuniões escolares, mas também ter a participação diária, mantendo uma relação com o professor e equipe gestora demonstra ao aluno que a escola também é um grande ambiente familiar. Os pais devem participar na organização do trabalho escolar afim de auxiliar no desenvolvimento escolar do seu filho, segundo Oliveira (2017, p.111) vemos que,

“ É fundamental para a organização do trabalho escolar que os pais e estudantes, bem como os professores, equipe gestora e pedagógica discutam e compreendam a importância do envolvimento de cada um

na definição de tomadas de decisões e, juntos, sintam-se aliados e corresponsáveis pelo processo de construção do conhecimento pelos estudantes, validando, assim, a função social e educativa que a escola tanto almeja.”

Ao questionar se a avaliação é importante, concorda que sim pois analisa que a avaliação norteia o planejamento do professor, porque quando o aluno não vai bem na prova o professor vai procurar métodos para trabalhar o conteúdo para suprir as necessidades deles.

A professora fala que o planejamento é realizado semanal baseado no planejamento semestral. Analisa o nível dos alunos, e as necessidades dos mesmos para planejar os conteúdos a serem trabalhados. Realiza prova escrita, faz leitura oral, faz diagnóstico. Para os alunos com mais dificuldades ela criou uma apostila para que façam atividades extras, os alunos que precisam vão para sala de apoio. Acredita que isso auxilia para a melhora do desenvolvimento do aluno.

A avaliação escrita sempre ao final do bimestre, porém as atividades realizadas no dia a dia também são avaliadas, sempre com o intuito de ajudar o aluno principalmente aquele que demonstra dificuldades.

Ao falar de avaliação explica que a realização de provas, elas são “light”, não se é cobrado com antigamente pois diz que muitos não conseguem realizar e acabam frustrados e ela fala que não é seu objetivo que isso aconteça com seu aluno. Tenta realizar as provas com naturalidades, diz que gostam de fazer a prova, fala que sempre os incentiva fala que são capazes de fazer tudo que querem, que são inteligentes, o momento de prova não é um sofrimento para os alunos.

Durante o conselho de classe, explica que o coordenador pergunta de cada aluno individualmente e fala que através do diagnóstico e da prova pode falar como esta cada um de seus alunos.

Podemos verificar isso em Dalben (2004, p.31),

“O Conselho de Classe é um órgão colegiado, presente na organização da escola, em que os vários professores das diversas disciplinas, juntamente com os coordenadores pedagógicos, ou mesmos os supervisores e orientadores educacionais, reúnem-se para refletir e avaliar o desempenho dos alunos das diversas turmas, séries ou ciclos.”

Assim percebemos que não apenas o professor faz o papel de avaliador, também outras partes da unidade escolar, porém com caráter um pouco tradicional, pois a partir dele ainda pode surgir a repetência diagnosticada através das notas que ainda estão presentes nas unidades escolares.

Ao final da entrevista peço para que me conte como era a avaliação quando ela estudava, como que era sua percepção da avaliação e a professora conta que era baseado em nota, na rigidez. Explica que teve dificuldades na área da linguagem, pois teve pouco contato com a leitura. Revela que a forma como viu a avaliação na graduação os mesmos influenciaram quando foi para sala de aula para ser professora. Pois durante a graduação uma professora a marcou pois dizia “estou aqui para dar aula e não para gostarem de mim” e a partir disso ela percebeu em sala de aula que os alunos precisam do seu apoio, de paciência, dos ensinamentos pois houve muitas mudanças ao decorrer do tempo.

Conclusão

A partir da construção deste trabalho, na organização, escrita e reflexão, conclui que desde a minha alfabetização, minha educação escolar foi muito marcada por dificuldades na área da leitura, principalmente na compreensão da leitura.

Com a mudança de escolas, professores vejo que minha dificuldade não foi percebida nem pelos professores e nem pela minha família. Algo que se perdura por muitos anos, sem nenhuma modificação da situação. E os métodos avaliativos durante minha escolarização influenciaram ainda mais na dificuldade de compreensão de leitura, com as aplicações de “provas”, que por muitas vezes só conseguia a média, não por ter aprendido o conteúdo, mais por simples memorização de conceitos.

Porém esse fator da dificuldade e as formas de avaliações da minha escolarização e atualmente da escolarização do meu irmão, me instigaram a entender sobre o processo de aprendizagem, principalmente no que se refere a questão de como é avaliada essa aprendizagem. Nesse momento me preocupo como é o trabalho do professor nos tipos de avaliações, como é o seu trabalho, em qual teoria da avaliação ele se encaixa.

Analiso que o papel do avaliador ainda não é bem compreendido pelo mesmo, há uma percepção de que avaliar é um ato a parte do seu trabalho total, sim pensa no aluno mas o trabalho avaliativo se distancia em muitos aspectos do real trabalho, e a carga de avaliar não somente é do professor, pois passa por vários caminhos até chegar ao seu resultado final.

Reflico que ainda falar de avaliação com os professores, os mesmos compreendem o termo fazendo relação apenas com a avaliação formal, ou seja, a escrita, a objetiva. Demora para compreender o sentido total de avaliação, de que não apenas é uma prova, mais todo o seu trabalho que realiza em sala de aula.

Analiso que a necessidade de estudos complementares em relação ao que é avaliar, as práticas, ligá-las as teorias, perceber o papel mediador necessário para suprir o que o aluno precisa para avançar no desenvolvimento não apenas pedagógico, mais de ser completo, do ser que se insere em sociedade. É preciso ainda procurar envolver todos os elos da relação da aprendizagem para seu avanço, ou seja, não apenas avaliar em todos os aspectos os alunos, mas traze-lo para esse momento de se avaliar, levar a autoavaliação para dentro de sala de aula pode ser um aspecto relevante para que o aluno se sinta um ser que pode ser acolhido dentro da escola e evitar uma futura evasão escolar.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

DALBEN, Ângela I. L. de F. **Conselhos de classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas: Papirus, 2004.

DALBEN, Ângela I. L. de F. **Das avaliações exigidas às avaliações necessárias**. In: Villas Boas, Benigna M. de F. (org.). *Avaliação: políticas e práticas*. Campinas: Papirus, 2006.

ESTEBAN, Maria T. **Ser professora: avaliar e ser avaliada**. In: ____ (org.) *escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez, 2003.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação mediadora: uma prática da construção da pré-escola a universidade**. Porto alegre: editora mediação, 1993. 20ª Edição revista 2003.

OLIVEIRA, R. M. da S. **Pais/responsáveis: participação necessária!** In: VILLAS BOAS, B. (org.). *Avaliação: interação com o trabalho pedagógico*. Campinas: papirus, 2017.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Ciclos e repetência: breve incursão histórica no Renascimento e no início da modernidade**. In: FETZENER, A. R. (org.). *Ciclos em revista: implicações curriculares de uma escola não seriada*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

VILLAS BOAS, B. M. de F. **Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola**. Mimeo.

Apêndice A – Entrevista

- Tempo na função? E na instituição?
- Formação? (pensando que há professores que fizeram magistério e depois a graduação)
- Como é baseada as aulas ou planos de aulas?
- Como definiria a avaliação?
- Durante sua formação, como percebia a avaliação? Qual autor sobre a avaliação, mas lhe norteia?
- Como planeja e aplica a avaliação?
- Como funciona essa elaboração e quando se aplica a avaliação?
- Quando percebe o erro do aluno o que faz?
- Quando aluno dessa mesma serie que atua, qual sua visão da avaliação?
- Há conselhos de classe?
- Consegue visualizar o que a avaliação significa para seus alunos?